

O Feminino em Freud

Maria José Vidigal¹

Sou apenas um pequeno barco, mãe,
Perdido no alto mar
Canta-me, mãe, Canta-me²
(Fernando Pessoa)

(a Poesia é a música da Matemática)

Já há algum tempo que tinha pensado escrever sobre este tema e, então, lembrei-me do Filipe Baptista-Bastos para fazer não só o respectivo comentário, mas também expor as suas próprias ideias enquanto homem em relação à mulher. Felizmente, ele reagiu bem ao pedido, porquanto tinha sido o tema de uma das suas aulas, o que lhe seria mais fácil e, assim, ficou tudo combinado.

Afinal, o que querem as mulheres? Nem Freud conseguiu explicar. Creio que nunca entendeu completamente a alma feminina e, em meu entender, há analistas homens na actualidade, que também não a entendem (*ou são perversos?*), algo que me parece, face a certos comportamentos que manifestam em relação às suas analisandas.

Numa conferência de 1933, intitulada *A feminilidade*, Freud formulou aquela que viria a tornar-se uma das suas interrogações mais célebres: “A grande pergunta que nunca foi respondida e que eu não fui ainda capaz de responder, apesar de estudar há mais de trinta anos a alma feminina, foi sempre: o que quer uma mulher?”. A propósito desse tema, é relevante recordar a figura de Marie Bonaparte, sua analisanda e sobrinha-bisneta de Napoleão. Mulher de vasta cultura e grande fortuna, Marie desempenhou um papel crucial na história da psicanálise: adquiriu a correspondência de Freud com Fliess, foi central na fundação da primeira Sociedade Psicanalítica em Paris e contribuiu de forma decisiva para a divulgação da psicanálise em França. Mais tarde, teria ainda um papel determinante no apoio a Freud e à sua família, ajudando a

¹ Pedopsiquiatra, Psicanalista e Psicoterapeuta Psicanalítica, PsiRelacional.

Contacto: mariajosevidigal@sapo.pt

² Revisão de texto feita por Frederico Bento.

organizar a sua fuga de Viena para Londres, ao tempo da ocupação nazi.

Esta interrogação, que atravessa toda a obra freudiana, evidencia não apenas a dificuldade em circunscrever o enigma do feminino, mas também a centralidade que o tema assumiu no seu pensamento. Apesar de Freud ter consagrado a sua carreira ao estudo da vida psíquica e à exploração do inconsciente, a problemática do feminino permaneceu como uma das suas preocupações constantes. Importa lembrar que a sua investigação se desenvolveu num contexto histórico marcado por fortes costumes conservadores, em que as mulheres eram remetidas quase exclusivamente para funções maternas e domésticas e mantidas numa posição de dependência em relação ao marido. Foi, contudo, a partir dos seus estudos pioneiros sobre a histeria (1895) e das suas formulações inovadoras acerca da sexualidade que Freud começou a esboçar um eixo de articulação entre a psicanálise e a questão do feminino.

No texto “*A Sexualidade Feminina*”, Freud (1931) assinala, pela primeira vez, a importância da relação original com a mãe. A seu ver, a sexualidade feminina distingue-se da masculina por envolver duas tarefas fundamentais: por um lado, a substituição da primazia do clitóris, dominante na infância, pela vagina; por outro, a substituição do objecto original, a mãe, pela figura do pai.

Esta ligação inicial à mãe prolonga-se até aos quatro ou cinco anos e é, nesse período, semelhante em ambos os sexos. O momento pré-edipiano assume, assim, um papel decisivo na configuração da sexualidade feminina, dado que a mãe constitui o primeiro objecto de amor da menina. Freud interpreta esta ligação segundo as fases libidinais de natureza sexual — uma perspectiva mais tarde criticada por Bowlby e pelos teóricos da vinculação, que consideram que tal vínculo é filogeneticamente determinado e não de ordem sexual. Deste modo, embora estreitamente relacionadas, vinculação e sexualidade devem ser entendidas como dois sistemas distintos de comportamento.

Para Freud, a fase pré-edipiana adquire maior relevância no desenvolvimento da menina do que no do menino. A menina separa-se da mãe porque entende que esta não lhe proporcionou um órgão sexual adequado, interpretando a castração como uma injustiça que lhe foi infligida. Consequentemente, volta-se para o pai, seja na tentativa de obter aquilo que lhe falta, seja, talvez, por considerar que ele lhe oferece maior liberdade — questão que permanece como uma possível metáfora na leitura freudiana.

Num segundo momento, a teoria psicanalítica introduziu mudanças fundamentais não apenas na clínica, mas também no campo social e na própria tomada de posição dos analistas em relação à mulher. Desde as suas primeiras formulações sobre a origem da família, Freud sustentava que a proximidade das mulheres aos homens não derivava do desejo sexual, mas da necessidade de proteger os filhos, que de outro modo ficariam desamparados.

Nessa linha, afirmou: *“As mulheres representam os interesses da família e da vida sexual. O trabalho cultural é um dever dos homens, que têm tarefas mais difíceis e realizam sublimações pulsionais, para as quais as mulheres são menos aptas.”* Tais palavras evidenciam as limitações da sua compreensão acerca da psicologia feminina. Noutras passagens, Freud reforça esta posição, sugerindo que, ao longo da história, a antropologia psicanalítica teria demonstrado que as mulheres mantêm uma relação de hostilidade com a cultura e que, por isso, seriam pouco aptas à sublimação.

No ensaio “*A moral sexual “civilizada” e a doença nervosa moderna*”, Freud (1908) reforça a ideia de que nada é mais próprio da mulher do que a função materna, concepção que viria a conservar ao longo de toda a sua obra. Essa formulação, posteriormente interpretada como expressão de um *ideal feminino*, tornou-se um dos pontos mais discutidos e criticados do seu pensamento. Torna-se, assim, essencial identificar os fragmentos cruciais da teoria freudiana sobre este tema, para compreender qual foi a sua posição relativamente à chamada *questão do feminino*, tanto na clínica como nas suas incidências sociais.

Embora frequentemente mal compreendidos, rotulados de machistas e alvo de forte crítica, os trabalhos de Freud abriram caminhos para a reflexão sobre a condição feminina e sobre o seu lugar no mundo. A tarefa que empreendeu consistiu em explorar a alma da mulher, e, ainda que sem respostas definitivas, conseguiu formular uma intuição fundamental: um dos desejos mais profundos do sexo oposto é a liberdade. A mulher necessita ser livre para revelar tanto o seu corpo como a sua alma, não apenas em oposição a uma cultura dominada por modelos patriarcais, mas sobretudo por um anseio que emana da própria essência do seu ser.

A partir destas formulações sobre o “ideal feminino” e a centralidade da maternidade, comprehende-se que, durante grande parte da sua obra, a tese freudiana sobre a questão do feminino manteve-se relativamente estável. Para Freud, as mulheres continuaram a ser vistas como porta-vozes dos interesses sexuais da humanidade e da família, mas sempre menos aptas que os homens à sublimação. Mais tarde, Freud sustentou que essa diferença decorreria de um desenlace edípico distinto, que conduziria meninos e meninas a formas diversas de constituição do Supereu.

Segundo Freud, o Édipo no menino terminava sob a ameaça da castração: diante do risco de perda do pénis, ele renunciava ao objecto materno, identificando-se ao pai e intrometendo a Lei, o Supereu e os ideais que este representava. Já no caso da menina, a complexidade era maior. A sua separação da mãe derivava da percepção de não possuir um órgão sexual equivalente, o que a levava a interpretar a castração como uma injustiça infligida pela mãe, deslocando então o seu investimento para o pai (*ou porque o pai lhe dá mais liberdade? Será uma metáfora de Freud?*).

É neste contexto que Freud começou a reflectir sobre a homossexualidade feminina, procurando compreendê-la a partir das especificidades do complexo de Édipo na menina. Quando iniciou a sua prática clínica, a homossexualidade era geralmente entendida como perversão, inscrita no campo da anormalidade. Freud, contudo, afastou-se dessa visão patologizante. Já em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905a), reconheceu que nenhuma expressão da sexualidade deveria ser reduzida a uma perversão e que tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade exigiam explicação no quadro do desenvolvimento sexual.

Ao defender que a escolha objectal se constitui precocemente, Freud afirmou que o desejo homossexual não era menos legítimo do que o heterossexual. Para ele, o desenvolvimento da sexualidade só se completava após a puberdade e resultava de uma conjugação de factores constitucionais e acidentais, derivados das experiências de satisfação vividas ao longo da vida. Assim, um sujeito tornar-se-ia homossexual ou heterossexual em função da forma como essas experiências se fixassem inconscientemente.

(Zé, a homossexualidade fez-me sempre confusão, mas sabes o que é importante é o amor, seja entre dois homens ou duas mulheres, disse-me o meu marido, já quase no fim da vida, quando o encontrei a chorar depois de ter visto o filme Filadélfia na TV).

No que diz respeito à homossexualidade feminina, Freud dedicou-lhe apenas um texto específico e, ao longo da sua obra, as referências surgem de forma dispersa, geralmente associadas a conceitos como a bissexualidade, o complexo de masculinidade ou a feminilidade como saída possível do Édipo. Não obstante, o próprio Freud reconheceu a limitação da investigação psicanalítica neste campo, afirmando em *A psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher* (1920): “*A homossexualidade nas mulheres, que certamente não é menos comum do que nos homens, embora muito menos manifesta, não só tem sido ignorada pela Lei, mas também negligenciada pela pesquisa psicanalítica.*”

Freud chegou a considerar que a homossexualidade era muito comum nas raparigas durante a adolescência, tendendo a desaparecer com o tempo (*pergunto se ele não estará a confundir a amizade profunda entre as raparigas com a homossexualidade; as freiras, por exemplo, temiam isso, porque quando andei em Angola num colégio das Doroteias só podíamos andar em grupos de três e nunca duas, o que nos fazia muita confusão*). Contudo, advertia que, quando uma mulher não se sentia amorosamente satisfeita na relação com um homem, essa tendência poderia ser reactivada (*poderá ser nalguns casos, mas é mais comum procurar outro homem, digo eu*). Trata-se de uma afirmação com a qual também estou em total desacordo, a de que seria comum a homossexualidade nas raparigas.

Ao longo da sua obra, Freud abordou repetidamente a questão da bissexualidade constitutiva, sublinhando que nenhum sujeito é puramente masculino ou feminino em termos psíquicos ou somáticos. Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905a), avançava a hipótese de um hermafroditismo inicial, visível tanto no plano anatómico como na vida psíquica, hipótese que mais tarde retomaria em *A organização genital infantil* (1923). Em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925), reforçou a ideia de que a presença de traços masculinos e femininos coexistentes é constitutiva do desenvolvimento, independentemente da orientação libidinal futura. Por sua vez, em *A sexualidade feminina* (1931), distinguiu a complexidade da escolha objectal no caso da mulher, mostrando que a passagem do vínculo materno ao paterno não se reduz a uma linearidade, mas supõe deslocamentos e identificações sucessivas.

Tal distinção ajuda a compreender que, no plano anatómico, todos os indivíduos apresentam, em maior ou menor grau, características de ambos os sexos; no plano psíquico, coexistem traços atribuídos cultural e simbolicamente ao masculino e ao feminino; e, no plano da escolha objectal, a orientação do desejo pode dirigir-se a homens ou a mulheres, sem estar determinada pelos dois primeiros níveis. Assim, pode acontecer que um homem com características predominantemente masculinas faça uma escolha homossexual, ou que um homem com traços mais femininos estabeleça uma escolha heterossexual. Esta compreensão, inaugurada por Freud e sistematizada posteriormente, abre caminho para pensar a sexualidade como uma realidade complexa e pluridimensional, que não se reduz nem ao corpo nem a uma essência imutável.

Relativamente à libido, Freud afirmava desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905a) que esta oscila naturalmente entre objectos masculinos e femininos. Se uma forma de escolha predomina, isso deve-se ao modo como as experiências de satisfação pulsional se fixaram no inconsciente — ou seja, ao tipo de ligação privilegiada que cada sujeito estabelece com os objectos. Insistia ainda que à psicanálise não cabia a tarefa de “curar” a homossexualidade, já que esta seria tão legítima como qualquer outra forma de sexualidade. A função da análise seria apenas a de compreender os mecanismos psíquicos envolvidos ou intervir noutros sintomas, como os estados de angústia (*recordo o caso de um homossexual que me procurou, enviado por dois analistas seniores, devido a crises de angústia; o motivo era o facto de ter o mesmo nome do irmão mais velho, falecido pouco antes do seu nascimento*).

Ao longo da sua obra, Freud foi reformulando algumas das suas ideias com o objectivo de corrigir limitações teóricas anteriores. Em *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925), concluiu que a tarefa da menina era mais complexa do que a do menino, uma vez que não era o complexo de castração que punha fim à sua relação primária com a mãe. Para Freud (1924), só se podia falar em castração quando havia “uma perda que se liga ao falo”, enquanto outros danos narcísicos — como o desmame ou a perda das fezes — apenas adquiriam significação psíquica por estarem associados a esse modelo de perda.

No processo de subjectivação do sexo, o falo assume no inconsciente uma consistência imaginária, sustentada pelo pénis no caso do homem. Para a mulher,

no entanto, faltaria um equivalente simbólico da especificidade feminina, já que a vagina não possuía, segundo Freud, o mesmo valor enquanto suporte imaginário (Freud, 1923; 1931). Na impossibilidade de ser o falo da mãe, a menina passa então a desejar possuí-lo, aspirando a receber do pai um filho como substituto simbólico. Nesse movimento, a busca do falo enlaça-se à busca do amor: da mãe ao pai, e do pai ao homem. Eventualmente, esse percurso retorna à mãe, pois é dela que a filha recolhe a sua identificação feminina (Freud, 1931). Por essa razão, o medo de perder o amor tem, para a menina, um peso comparável ao da angústia de castração para o menino — uma formulação central em *A feminilidade* (Freud, 1933).

A partir destas considerações, pode-se relativizar a proposição de Freud (1914) acerca da escolha amorosa nas mulheres. Para ele, estas tenderiam a privilegiar escolhas narcísicas, mais inclinadas a “serem amadas” do que a amar. Levando em conta as suas formulações posteriores, em especial sobre a inveja do pénis, Freud sustenta que o amor, no caso da mulher, se liga à busca de uma identidade, funcionando como modo de assegurar o valor fálico.

A entrada da menina no complexo de Édipo poderia, segundo Freud, conduzir a duas saídas: a via feminina ou a via masculina (Freud, 1931; 1933). Pela via da feminilidade, ressentida com a mãe, a menina dirige-se amorosamente ao pai, procurando nele o falo que lhe teria sido recusado. A equivalência simbólica permitiria, caso conseguisse elaborar minimamente o seu complexo de masculinidade e a inveja do pénis, deslocar o desejo de possuir um pénis para o desejo de ter um filho. Esse deslocamento é descrito por Freud (1933) como um avanço, de um desejo “masculino” para um desejo “feminino”.

Este percurso implicaria três mudanças fundamentais: a passagem da zona erógena principal do clitóris para a vagina; a substituição do objecto amoroso da mãe pelo pai (e, mais tarde, após o declínio do Édipo, por outro homem que viesse a ocupar esse lugar); e, finalmente, uma modificação da modalidade de satisfação pulsional, da actividade entendida por Freud como traço masculino para formas predominantemente passivas.

Contudo, mesmo em *A feminilidade* (1933), Freud não chegou a resolver o impasse em torno da feminilidade. Ao ligar de forma quase exclusiva a feminilidade à maternidade, avançou pouco sobre a questão do desejo e do prazer das mulheres.

Do mesmo modo, a sua teoria permaneceu inconclusiva no que respeita à explicação da homossexualidade feminina.

Caso Dora

Freud (1905b) levantou a questão da relação entre Dora e a Sr.^a K porque tinha notado um forte impulso de ciúme dirigido à Sr.^a K. Ele considerava que a presença deste tipo de atracção era comum nas raparigas, durante a adolescência, e desaparecia por completo com o passar dos anos. Contudo, advertia que, quando uma mulher não era amorosamente satisfeita na relação com um homem, essa tendência podia reaparecer (não é obrigatório, mas é mais comum procurar outro homem).

Sobre a relação entre Dora e a Sr.^a K, ressaltava a importância da relação tecida entre as duas mulheres. Eram muito íntimas, confidentes. Dora falava a Freud da admiração pelo corpo da Sr.^a K e não utilizava palavras ásperas para se referir a ela. A conclusão a que Freud chegou é a de que Dora encobriu, durante tanto tempo, a relação amorosa existente entre seu pai e a Sr.^a K, não apenas para esconder e dar lugar ao seu amor pelo Sr. K, mas também para encobrir o seu amor inconsciente, pela Sr.^a K.

(é mais comum as mulheres fazerem elogios a partes do corpo, como dos seios ou das pernas, por exemplo. É comum dizerem que estás bonita, tens uma pele boa para a idade. Eu tenho a experiência com uma mulher, casada com um advogado que eu sabia que ela era homossexual e, quando um dia me encontrou, fez elogios às minhas pernas e me convidou a ir à sua casa)

Freud assumiu o seu erro técnico na condução do caso e atribuiu a si mesmo o seu desconhecimento em perceber o que se passava na transferência, como o responsável pelo final precoce da análise. Reconheceu também que cometeu outro grande equívoco, o de deixar de referir o amor homossexual de Dora pela Sr.^a K.

Mesmo tendo percebido o carácter homossexual da relação entre elas, não possuía ainda recursos teóricos para trabalhá-la e deixou claro que a relação de Dora com o Sr. K seria uma reedição do amor infantil por seu pai. A mãe de Dora quase não aparece no relato do caso, a não ser para que seja ressaltado o quanto o seu relacionamento com o marido era insatisfatório.

Nesse momento da sua obra, Freud ainda não havia reconhecido plenamente a importância da mãe e das figuras femininas substitutivas na constituição psíquica da menina. Considerava que o primeiro objecto de amor da menina era o pai e, por

isso, não conseguiu compreender a intensidade da ligação de Dora à Sra. K. Nas suas interpretações, insistia em centrar o conflito no amor de Dora pelo Sr. K. e na forma como, pela via histérica, ela se afastava dele, mantendo o seu desejo insatisfeito.

Freud chegou a propor uma solução que reflectia os valores culturais da época: que Dora se casasse com o Sr. K., enquanto o pai se uniria à Sra. K. Mais tarde reconheceria este como o seu maior erro, pois, ao supor que tais uniões satisfariam os desejos em jogo, ignorou o facto de que Dora não tinha qualquer interesse em tal arranjo — o que contribuiu para a interrupção prematura da análise.

Embora Freud tenha notado o interesse da jovem pela Sra. K. e o tenha descrito como uma tendência homossexual, as suas intervenções seguiram no sentido de atenuar ou desviar a atenção desse vínculo. O próprio Freud acabaria por admitir que tinha dificuldade em reconhecer a dimensão homossexual presente nos quadros histéricos. Apenas após o fracasso do tratamento, foi capaz de reconsiderar o caso de Dora à luz dessa possibilidade.

Freud não conseguiu compreender qual era, de facto, a questão central de Dora e insistiu em interpretar o conflito a partir da sua relação com o Sr. K. O equilíbrio que sustentava a dinâmica entre o quinteto — Dora, o pai, a mãe, o Sr. e a Sra. K. — foi rompido quando, na célebre cena, o Sr. K. lhe declarou que a sua esposa não significava nada para ele. Diante disso, Dora reagiu com uma bofetada, adoeceando em seguida. A sua pergunta, “Se ela não é nada para si, o que sou eu então?”, revela a profundidade da ferida narcísica provocada por essa situação.

Era através da Sra. K. que Dora podia compreender o que significava ser uma mulher desejada por um homem — tanto pelo seu pai como pelo Sr. K. —, já que a sua própria mãe, apagada e sem relevância erótica para o pai, não lhe oferecia esse modelo. Diferentemente de uma posição homossexual, o desejo de Dora estava dirigido a um homem; a relação com a Sra. K. funcionava como via indirecta que, de qualquer modo, reconduzia o desejo masculino. Dora nutria, portanto, uma forte admiração e um vínculo afectivo com a Sra. K., chegando a identificar-se com ela, mas não a desejava sexualmente, como supôs Freud. Esta mulher ocupava, simbolicamente, o lugar que a sua mãe poderia ter ocupado, se tivesse sido o objecto do amor e do desejo do pai.

(Considero que uma mulher homossexual quando elogia o seu objecto de amor, elogia

(partes do corpo, nomeadamente os seios, as pernas..., o que é muito diferente de dizer que está bonita ou que tem a pele do rosto fresca ou está bem arranjada.... Acontece também que as meninas têm amigas, tal como os rapazes e não quer dizer que sejam homossexuais)

Considerações Finais

A homossexualidade feminina não foi objecto da teorização psicanalítica devido a uma impossibilidade ou a uma resistência própria de Freud. Em 1905, Freud já havia se dado conta do amor homossexual que Dora nutria pela Sr.^a K, mas ele não tinha elementos teóricos para pensá-lo fora do campo de uma inversão (termo utilizado por ele na época) do objecto sexual. Por essa razão, acreditou que Dora fosse homossexual. Entretanto, Freud afirmou que a homossexualidade não é simplesmente derivada do complexo de masculinidade, mas ela apoia-se fundamentalmente numa fixação à mãe, que é primária e cujo amor ao pai é uma derivação.

Há uma infinidade de desdobramentos possíveis a partir deste ponto, muitas leituras são possíveis a partir do legado freudiano. A Psicanálise não é um campo de saber fechado e acabado, ela está em constante transformação. Por isso, conhecer as bases conceptuais de uma teoria é tão importante para compreender as elaborações e transformações que ocorrem ao longo dos anos ou dos séculos.

Caso Clínico

Uma psiquiatra que trabalhava comigo no mesmo consultório enviou-me uma jovem a pedido do pai que ela tratava, com um quadro de Esquizofrenia Paranóide. O pai encontrou-a nua na cama com uma amiga e então deu-lhe uma tareia, dizendo que ela tinha de se tratar e que no consultório que ele frequentava havia mais psiquiatras. Foi então que eu recebi uma jovem alta, de feições duras, pouco feminina, para análise de 2 sessões por semana, que aceitou sem qualquer objecção.

Descreveu a mãe como uma mulher “pateta”, dominada pelo medo do marido, que frequentemente se refugiava em casa dos avós. Desde criança, sentia que a mãe nunca a tinha protegido. Sublinhou ainda que, até então, o pai nunca a tinha agredido fisicamente, dirigindo sempre a violência contra a mãe. Confessou que se sentia aliviada durante os períodos em que o pai estava internado.

Já não me recordo do tempo que durou a análise, mas tenho a ideia de que não

foi muito longa. Começou por relatar a sua vida diária: fez o 7º ano do Liceu com 20 valores e queria seguir Enfermagem, motivo de discórdia com o pai que queria que ela seguisse Medicina.

Depois do tempo que levou a falar do que se passava na sua vida diária e instalada já na análise, iniciou uma transferência amorosa que demorou muito tempo. Fazia-me declarações de amor e lembro-me que dizia: “Porque está a dra. aí sentada? porque não se deita aqui ao meu lado?” ou “Se soubesse como é bom estar a fazer amor com outra mulher e porque não experimenta comigo?” ou “Deve ser casada, mas olhe com uma mulher é muito melhor, irra que é teimosa, porque não se deita aqui?”

Por vezes, comparava-me com a mãe que era muito passiva “Assim como a dra., aí sentada sem fazer nada, tal e qual a minha mãe ... aí feita palerma quando podíamos aqui viver momentos de verdadeira loucura de prazer!” ... “Afinal para que serve este divã senão para isso?”.

Muitas vezes dava interpretações do seu desejo de ser amada por mim como filha, como não tinha sido pela mãe ... (*a este tipo de interpretações dava gargalhadas sarcásticas, dizendo que eu estava “armada em psicanalista de meia tigela”*).

Durante muito tempo, a sua atitude era desafiante e agressiva, em que me punha constantemente à prova. Todavia, eu sentia contratransferencialmente que ela utilizava processos de denegação e que a sua atitude era para se defender da minha rejeição ou mesmo de uma atitude agressiva.

Entrou no Curso da Escola Técnica e logo se distinguiu. Entretanto, a análise ia prosseguindo e foi falando da passividade da mãe; do irmão, brilhante aluno do Instituto Superior Técnico, do “feitio insuportável” tal como o pai, das amigas ... Depois do curso terminado, teve de interromper a análise, em virtude de impossibilidade de conciliar com as horas dos estágios.

Nunca mais tive notícias dela, até que, passado mais de um ano, a psiquiatra apareceu no meu gabinete dizendo que precisava transmitir-me algo a pedido da jovem que, anos antes, me tinha encaminhado para análise: “... não se esqueça de dizer à Dra. MJ”. E qual era afinal o recado? A jovem tinha pedido à minha colega e quis que eu soubesse - uma receita de anovulatórios.

Penso que neste caso, a homossexualidade apontava mais para uma atitude defensiva, receio da feminilidade face a um pai violento e delirante, visto que a relação

amorosa vivida na análise permitiu-lhe entender que a mãe era o seu objecto de amor, mas desviada de qualquer conotação sexual. E assim, saindo da posição de objecto da mãe, tornando-se sujeito, ela afastar-se-ia da sua feminilidade, visto que, para Freud, actividade e masculinidade se equivalem. Dessa forma, para se tornar um sujeito, ela precisava tornar-se masculina.

Desde o primeiro momento da vida da criança, na sua relação com a mãe, ela experimenta satisfação pulsional e para sair da condição de objecto da mãe, a menina precisa tornar-se activa, mas os caracteres da relação pré-edipiana nunca são totalmente eliminados. A menina aproxima-se do pai porque ele lhe dá mais liberdade do que a mãe, que foi o que Freud referiu no grande desejo da mulher de ser livre.

Freud não resolveu o impasse acerca da feminilidade no final de sua obra. Todavia, como ligou a feminilidade à maternidade, pouco referiu sobre o desejo e o prazer das mulheres. Da mesma forma, podemos entender que, por não conseguir resolver este impasse, também não esclareceu o que faz uma mulher ser homossexual. Para a época, considero que abordar estes temas, revela grande coragem da parte de Freud.

O Que se Passava em Portugal

Em 1911, distinguiu-se uma médica cirugiã e ginecologista Beatriz Ângelo (nome de um Hospital no concelho de Loures), republicana e feminista, que foi a primeira mulher a votar em Portugal, nas eleições para a Assembleia Constituinte. Durante o período do Estado Novo, as raparigas que frequentavam o Liceu (como era o meu caso) tinham ao sábado actividades da Mocidade Portuguesa obrigatórias, mas na inscrição tínhamos de assinalar “facultativas”.

A estrutura básica da formação era: aprender a ser Mãe-Esposa-ser Fada do Lar-Submissa ao Pai, Irmão, depois ao Marido. Assim, tínhamos aulas de costura e bordados, cozinha (a Fernanda e eu éramos estúpidas, assim nos chamava a senhora que nos ensinava porque não sabíamos o que era uma caçarola!), onde também se aprendia a pôr uma mesa, etc. Havia também várias modalidades de desporto. Enfim, tudo decalcado dos países fascistas de então!

O facto de termos nascido numa colónia fazia de nós portuguesas de “segunda”, apenas por força de um decreto que, segundo ouvia contar, gerou tanta indignação que acabou por ser anulado. Ainda assim, essa condição deixava marcas nas pessoas.

Quando viemos para Lisboa, eu tinha cerca de 15 anos e trazia já dois anos de atraso escolar, pois tínhamos ficado esse tempo sem estudar enquanto aguardávamos a mudança. Queriam transferir o meu pai para uma cidade sem liceu, mesmo sabendo da nossa situação. Mas ele vivia em constante conflito com o Governador-Geral, porque defendia os negros, a ponto de o apelidarem de *papa ya mundo* (em quimbundo, “papa dos pretos”), se bem que já não me lembre bem como se escreve essa expressão.

Voltando ao Estado Novo: as mulheres não podiam votar, ser juízas, diplomatas ou militares. Tinham de ter autorização do marido para: se ausentarem do país; abrir conta no banco; tomar contraceptivos. Em certas profissões ganhavam metade do salário dos homens. A Concordata de 1944 (acordo entre a Igreja e o Estado) proibia os divórcios. Os casados pelo Civil não podiam ser padrinhos e eu como casei pelo civil, a nossa fotografia de casamento nunca foi mostrada na aldeia do meu marido e bem nos pediam, mas os meus sogros lá arranjavam desculpas! As enfermeiras não podiam casar e as professoras tinham que pedir autorização e o ordenado do marido tinha de ser superior ao da mulher.

Como o Amor não era proibido, vou contar uma história de amor:

Fernando, grande amigo do meu marido, foi a um Festival da Juventude Comunista, em Bucareste. Foi aí que conheceu Rosa Feldman, uma jovem judia polaca, já nascida no Brasil, dado os pais terem fugido da Polónia à perseguição nazi. Vieram felizes para Lisboa, mas, entretanto, têm conhecimento de que a PIDE está a prender todos os jovens que tinham ido a esse Festival, do que resultou em fugirem logo para o Brasil e só regressaram muitos anos depois. Tiveram três filhos: Ethel, Paula e o Zé. Este último tem um filho, João Salavisa, cineasta e com filmes, alguns de curta-metragem, com prémios recebidos no Peru, em Berlim, Budapeste, no Festival de Cannes e em Portugal.

Voltando à Rosa: A última vez que a visitei, o ano passado, já muito debilitada, diz-me que não lhe apetecia tocar piano, face à insistência das filhas. À despedida, anima-se e diz-me «*continuo comunista*” e “*adeus Zezinha*”!

E finalmente, parafraseando Frida Kahlo:

PERNAS PARA QUE TE QUERO, SE TENHO ASAS PARA VOAR?

Referências

- Freud, S. & Breuer, J. (1895). Estudos sobre a Histeria. *Edição standard brasileira*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago (1987).
- Freud, S. (1905a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 123–252). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1905b). Fragmento da análise de um caso de histeria. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. VII, pp. 3–118). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1908). A moral sexual “civilizada” e a doença nervosa moderna. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. IX, pp. 165–190). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914). Para introduzir o narcisismo. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 81–108). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1920). A psicogénese de um caso de homossexualidade numa mulher. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 201–226). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 153–163). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. *Edição Standard Brasileira das obras completas*, (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- Freud, S. (1925). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 275–292). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1931). A sexualidade feminina. In J. Strachey (Ed. & Trans.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 225–254). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1933). A feminilidade. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. *Edição standard brasileira* (Vol. XXXIII, pp. 131–154). Rio de Janeiro: Imago.